

NAURUS E SEUS CONTOS



STELLA ARAUJO DE AQUINO BERTOGLIO

Coleção Pequenos Autores da Ilha

NAURUS E SEUS CONTOS

Produção Literária dos Alunos do 4º Ano A

2024

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
APRESENTAÇÃO	7
O CÉU AMEAÇA A TERRA	9
A CRIAÇÃO DO MUNDO	9
A ORIGEM DO RIO AMAZONAS.....	10
CONTO PIRARUCU – NOVA VERSÃO	11
COMO SURTIU A NOITE.....	12
COMO SURGIRAM OS DIAMANTES.....	13
A ORIGEM DO MILHO	14
OUTRA ORIGEM PARA A NOITE	15
A LENDA DA CABOCLA JUREMA	16
A LENDA DO PEQUI.....	16
A ESPIGA DE MILHO	17
UIARA, IARA, LARA: A RAINHA DAS ÁGUAS	19
O JABUTI, O ARARA E A COBRA.....	19
IAUARETÊ, A RAPOSA E O JABUTI	21
DE COMO A LUA FOI PARA O CÉU.....	22
IANAMÁ E AS FLAUTAS JAKUÍ	23
A LENDA DO SOL.....	24
O QUE ACONTECE DURANTE A NOITE	25
A LUTA CONTRA O JAGUAR AZUL	26
COMO SURTIU A VITÓRIA-RÉGIA	27

IARA	28
CONTO DO GUARANÁ	28
COMO NASCERAM AS ESTRELINHAS.....	29
A LENDA DO ARCO-ÍRIS	31

AGRADECIMENTOS

Aos alunos do quarto ano A, que, com curiosidade e empenho, se envolveram neste projeto da disciplina de Língua Portuguesa “Indígenas brasileiros”, buscando valorizar a cultura e a arte literária dos povos originários.

Aos pais, que, com carinho, acompanharam as produções de seus filhos ao longo deste trabalho; e aos professores, que, de alguma forma, colaboraram na construção destes textos.

Agradeço à direção e coordenação da Escola da Ilha, por oportunizar e dar continuidade a este projeto “Pequenos Autores”, que busca instigar o gosto pela literatura, cultivando o hábito da leitura desde cedo e nutrindo a sua apreciação, de maneira a torná-lo algo inerente, espontâneo e prazeroso para nossas crianças.

Professora Silvana Sandrini Cenci



APRESENTAÇÃO

As crenças indígenas brasileiras são marcadas por histórias que tratam da natureza e da origem das coisas e são sempre cercadas de elementos místicos, que encantam os leitores.

São narrativas que fazem parte do folclore brasileiro e são uma manifestação cultural dos povos originários. Essas histórias são passadas de geração em geração por meio da oralidade e são uma das contribuições da cultura indígena para o Brasil.

Os contos indígenas são uma forma de valorizar a cultura e a arte literária dos povos originários e de promover a interação social. A leitura dessas histórias pode proporcionar uma rica visão da herança cultural do Brasil.

Neste livro, você terá a releitura de tradicionais lendas indígenas, escritas a partir do entendimento das crianças, trazendo uma visão de mundo que certamente resultou em muita conversa em sala de aula e agora fora dela.



O CÉU AMEAÇA A TERRA

Meninos e meninas da tribo sentam ao redor da fogueira, e o velho Pajé conta como antigamente o céu quase esmagou a terra.



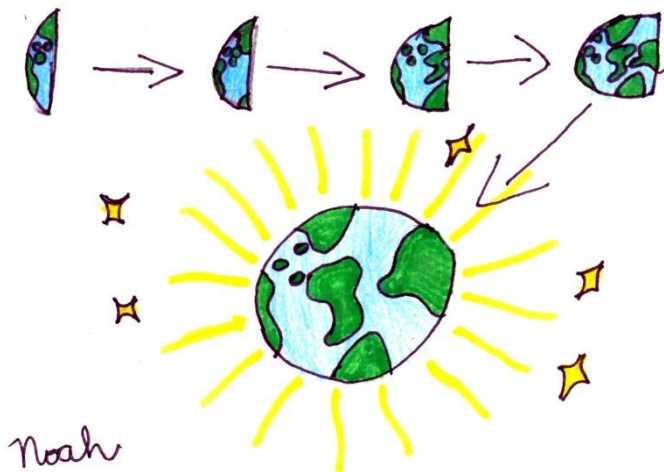
Ele contou como o céu esmagou a terra. Os Indígenas ficaram apavorados, podia ser o fim do mundo.



O menino de 5 anos pegou as flechas de pena de nambu. O menino atirou três flechas, e o céu subiu.

Bruno Schauren Schmitz

A CRIAÇÃO DO MUNDO



No começo, só tinha Kore, a energia, vagando no escuro do espaço infinito.

Então, chegou a luz, e surgiram Ranginui, o Pai Céu, e Papatuanuku, a Mãe

Terra.

Rangi e Papa tiveram vários filhos: Tangaroa, Deus das águas; Tane, Deus das florestas; Tawhirmatea, Deus dos ventos;

Tumatauenga, Deus da guerra, que deu origem aos seres humanos; e Uru, que não era deus de nada.

Noah Wigolorchew Miller Martinelli Machado

A ORIGEM DO RIO AMAZONAS

Era uma vez, o sol e a lua. O sol e a lua se amavam muito, mas um dia o sol pediu para os passarinhos fazerem um pedido dele, de casamento, para a lua, com um voo muito fantástico. Então os



passarinhos foram lá fazer o pedido de casamento para a lua e, quando eles chegaram, fizeram um voo fantástico. Então, eles pediram a lua em casamento em uma linda canção, como o sol ordenou para os passarinhos. E a lua ficou muito feliz, porque finalmente o seu amado a pediu em casamento.

O casamento foi confirmado, as estrelas ficaram mais brilhantes, as nuvens ficaram enfeitadas e a festa duraria um ano inteiro, mas o mar não gostou da notícia, então ele foi falar com os noivos:

- Sol e lua, vocês não podem se casar, esse casamento irá destruir o mundo, pensem: o amor do sol irá queimar tudo e as lágrimas da lua inundará a terra toda, por isso o casamento não pode acontecer.

A lua não ligou, queria ainda casar com seu amado, mas o sol

ficou com medo, mesmo que ele amasse a lua, ele estava com medo de destruir o mundo, então o mar disse:

- Separem-se! Lua para um lado e o sol para o outro.

Então, eles fizeram o que o mar mandou, mas a lua ficou triste, pois, quando a lua aparecia no céu, o sol corria de sua amada.

A lua ainda tentava convencer o sol, mas não deu certo.

O sol e a lua ainda se encontravam de vez em quando, mas quando isso acontecia, tudo escurecia, e o sol fugia de sua amada.

Na primeira separação, a lua chorava dia e noite.

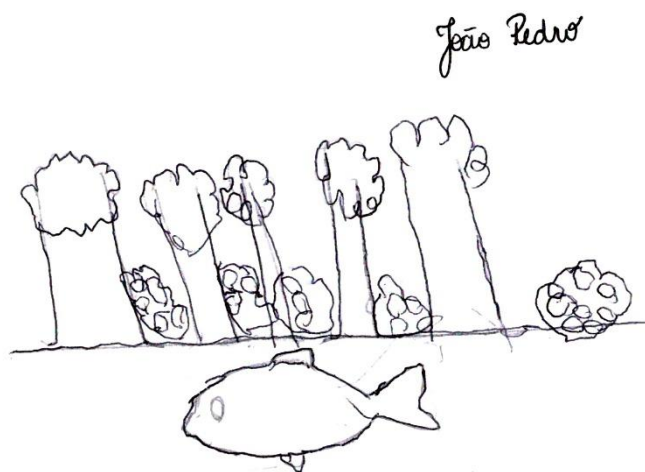
Foi então que as lágrimas correram por cima da terra e se misturaram com o mar, mas o mar ficou zangado e ainda tentou convencer a lua a parar de chorar, mas não funcionou. E foi assim que se deu a origem do nosso Rio Amazonas.

Miguel Souza Lemos

CONTO PIRARUCU – NOVA VERSÃO **(Sob o ponto de vista do Deus Tupã)**

Certo dia, o cacique de uma tribo rezou para Tupã punir seu filho guerreiro, que era mal e criticava seu povo.

Tupã ouviu o pedido do cacique e ficou irritado, mandou uma



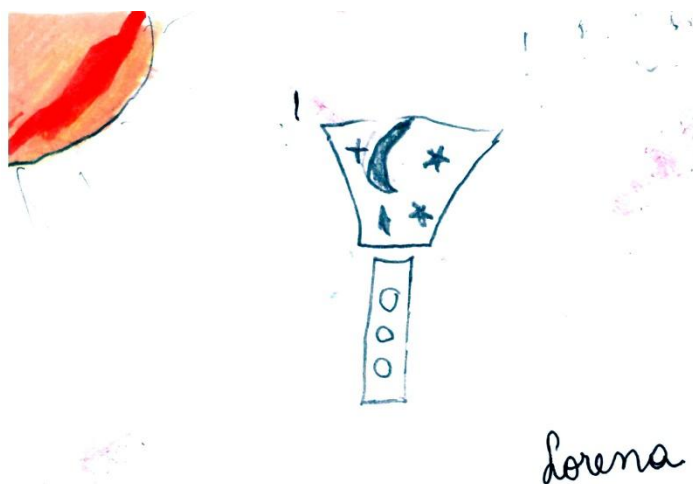
forte enxurrada no rio em que o filho guerreiro do cacique estava pescando. A enxurrada levou para o fundo do rio, então Tupã transformou ele em peixe.

Quando o cacique soube que o deus Tupã atendeu a seu pedido, ele pediu a Tupã que seu filho só voltasse para a tribo quando tivesse pensamentos melhores.

João Pedro Justen da Silva

COMO SURTIU A NOITE

Há muito tempo, só ficava de dia, e os indígenas tinham que dormir com o sol na cara. Eles só queriam um pouco de escuridão. Mas, um dia, um velho viu a situação e contou para eles que viu um monstro dormindo, com dois potes com o escuro.



Os indígenas pensaram que lá estava a noite e, então, foram pegar o pote com a escuridão no outro dia. Como um grupo, saíram para pegar e foram ao local indicado pelo senhor. Eles andaram bastante e, quando chegaram, viram um monstro dormindo agarrado a dois potes; e, quando chegaram mais perto, ouviram barulhos de grilos e corujas.

Os indígenas usaram arcos e flechas e quebraram o pote pequeno, e aproveitaram para dormir mais um pouco. A noite foi pequena e logo amanheceu. Então, decidiram que iam quebrar o pote maior. E, dois indígenas muitos corajosos, foram chamar o

Urutau, e foram ao lugar do monstro, e ele ainda dormia. Com suas habilidades com o arco, quebraram o pote maior e, assim, saiu a noite imensa. E os três foram correndo, mas Urutau tropeçou no cipó e logo alcançou a noite imensa! Por isso Urutau é a ave noturna.

E foi assim que surgiu a noite!

Lorena Brunetti de Oliveira

COMO SURGIRAM OS DIAMANTES



Era uma vez, um casal, que morava com sua tribo perto de um rio, o nome do homem era Itagiba e o da sua mulher, Potira.

Um dia, a tribo foi ameaçada por outros homens, então o Itagiba partiu para guerra com seus guerreiros. Potira teve que se despedir, ela ficou muito chateada e triste, mas foi forte e não deixou cair uma lágrima.

Depois de muito tempo esperando, um dia, ela viu os guerreiros voltando, mas Itagiba não estava junto, ele tinha morrido na guerra. Ela, então, passou o resto da sua vida chorando na beira do rio, onde Itagiba havia partido. O Deus Tupã ficou com pena da Potira, ele viu que o amor deles era verdadeiro e resolveu homenagear a paixão de Potira e Itagiba.

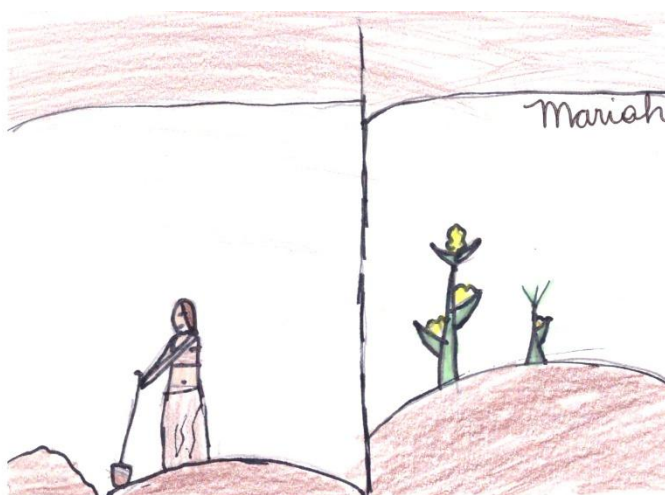
Então, ele transformou as lágrimas de Potira em diamantes. É por isso que os diamantes que são encontrados na areia do rio são as lágrimas que a Potira chorou por Itagiba.

Maria Clara Gandra Libana

A ORIGEM DO MILHO

Dois caçadores guaranis procuraram, durante muitos dias, sem sucesso, por caça ou pesca.

Nem mesmo alguma raiz ou fruta do mato encontraram. Não podiam voltar para a aldeia sem nada.



Como alimentariam seu povo? E os seus filhos?

Pediram ao Pai-Nosso - NHANDRU - que enviasse alguma comida. E ele apareceu na forma de sol, e disse:

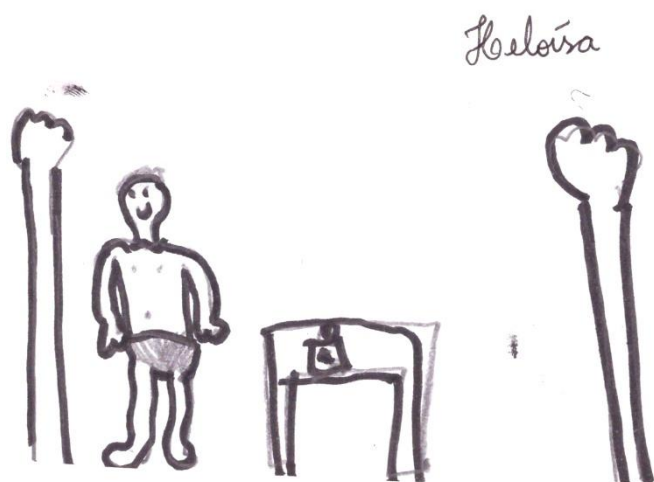
- Somente com sacrifício de um deles é que obterão algum alimento.

Os dois deveriam lutar até a morte e o perdedor seria transformado em uma planta que alimentaria as pessoas durante muitas gerações.

Os indígenas lutaram, AWATI perdeu. Foi enterrado e, depois de alguns sóis, começou a nascer o milho.

Mariah Pepe Silva Wionoscky Garcia

OUTRA ORIGEM PARA A NOITE



Há muito tempo, havia um ser chamado Cobra Grande, e era enorme. Ele é quem era o dono da noite e das estrelas, da lua e do escuro.

Só o Cobra Grande conhecia a noite. Ele guardava a noite só para ele. Só havia dia, ninguém tinha nome e todo mundo era uma coisa só.

A filha do Cobra Grande, que era indígena, se apaixonou por um cavaleiro e foi morar com ele na floresta. Mas ela estava acostumada com a noite, e ela achou muito ruim morar num lugar que só era dia.

O cavaleiro, que gostava dela, ficou com dó e mandou outros cavaleiros irem buscar a noite só para ela.

O Cobra Grande enviou a noite, por dois mensageiros dentro de um frutinho e disse aos dois que não abrissem de jeito nenhum. E um tempo depois, ficaram com tanta vontade, que abriram, daí a noite saltou para fora e as coisas tiveram nome, forma e separação.

O Cobra Grande pegou um fio do cabelo e cortou a noite pelo meio, ficando metade dia e metade noite, e o Cobra Grande ficou com raiva. Então, eles foram transformados em macacos.

Heloisa de Souza Paust

A LENDA DA CABOCLA JUREMA

Jurema foi uma linda indígena, seu pai era o cacique Tupinambá. Ela foi encontrada embaixo de um arbusto de Jurema, por isso ganhou esse nome.

Ela cresceu forte, linda e muito corajosa, com a formosura da noite e a firmeza do dia.



Quando cresceu, se tornou a primeira guerreira mulher da tribo onde vivia, por sua firmeza e agilidade.

Até que um dia, quando estava caçando, encontrou o homem da sua vida, ele era de uma tribo inimiga. A sua tribo descobriu e resolveu matar ela.

Eles corriam atrás dela; e ela, em volta de uma chuva de flechas, acabou morrendo. E, no lugar onde morreu, nasceu a flor que hoje conhecemos: o girassol.

Maria Rosa da Silveira Taulois

A LENDA DO PEQUI

Há muito tempo, quando os bichos falavam, vivia um casal na aldeia. A índia Tainá-Racan era a mais bela da aldeia, e seu esposo Maluá era o mais bravo guerreiro. Eles tinham um animal de estimação, um jacaré, que era um bom ouvinte e também sabia falar. A única coisa que faltava ao casal era ter um filho, e começaram a pedir a Deus Cananxiué, e ele atendeu suas preces.



O filho era chamado de Uadi, nasceu com os cabelos loiros. E para evitar fofocas, Maluá falou que era filho dela com Cananxiue, sendo o Deus o verdadeiro pai.

Certo dia, uma aranha veio e disse que era o Deus Cananxiue, e disse a Maluá que iria levar seu filho, e Tainá chorou. Então, o jacaré pediu para deixar a criança, ele disse que seria impossível. Então, Cananxiue vendo a tristeza de todos, disse que iria criar uma árvore e daria a fruta com os cabelos de Uadi, e assim o fez. Tainá, andando pela floresta, encontrou a árvore e provou o fruto. E esta árvore serviu como alimentação para toda a aldeia, também, quem a consumia, tinha vários filhos.

Miguel Alves Horst

A ESPIGA DE MILHO

Contam que foi um macaco, um desses curiosos macacos gritadores, o primeiro a encontrar uma espiga de milho. Ele a examinou, a tateou e, por fim, mordeu seus grãos deliciosos. Que delícia!



O macaco olhou rapidamente ao seu redor, para ver se

ninguém o estava observando e pudesse roubar-lhe a espiga, mas viu apenas uma velha palmeira, toda adormecida. “Vou guardar este petisco para o meu jantar “, disse ele aos seus botões, e, para maior segurança, escondeu a espiga debaixo de alguns punhados de terra.

Depois, foi brincar com os outros macacos. Mas a velha palmeira não estava dormindo como parecia, e ela escondeu a espiga, enterrando na terra.

Quando o macaco voltou, a espiga não estava mais lá. Ele percebeu quando foi procurar a espiga, mas de nada adiantou cavar a terra: nada de espiga!

Ali estava apenas a velha palmeira, que se balançava enquanto dormia.

“Onde puseste a minha espiga?”, reclamou o macaco. E a palmeira não respondeu.

“Não faz mal, vais me contar quando eu chamar o fogo para que ele te queime”.

O macaco foi até a toca do fogo e disse: “Fogo sai daí e venha queimar a palmeira que roubou a minha espiga!”. Mas o fogo não respondeu, e aquilo deixou o macaco bravo. Então ele disse: “Tu me ajudarás quando eu chamar a água”, e foi falar com a água, mas a água também nem se mexeu.

O macaco foi correndo falar com o tapir, que nem deu atenção. Então, foi falar com o cão, mas o cão não respondeu. Então, o macaco foi falar com a onça e chegou dizendo: “Vi um cão de lamber os lábios.” Só que a onça não respondeu. Então, o macaco correu para a aldeia e disse aos caçadores indígenas onde encontrar a onça. Os caçadores saíram correndo atrás da onça,

então a onça se jogou sobre o cão, o cão sobre o tapir, o tapir sobre a água, a água sobre o fogo, o fogo sobre a palmeira e, então, a palmeira devolveu a espiga ao macaco.

O macaco, então, deu um grão para cada um dos dois indígenas.

Arthur Bragança Paz

UIARA, IARA, LARA: A RAINHA DAS ÁGUAS



Uiara era uma menina linda e com muita bondade.

Os animais, plantas e seres humanos a amavam muito por ser tão bondosa.

Num dia de verão, no pôr do sol, quando Uiara permanecia ainda tomando banho, um grupo de homens desconhecidos a agarraram e a prenderam com cordas; sem condições de fugir, foi atirada no rio.

Os espíritos a transformaram em sereia, cujo canto atrai até hoje os homens, que são agarrados pelas profundezas, de onde nunca mais sairão.

Letícia da Rosa Rodacki

O JABUTI, “O” ARARA E A COBRA

Um dia, o jabuti foi comer frutas com as moças da aldeia, elas eram muito bonitas e pediam para o jabuti cortar os galhos

das árvores para comer frutinhas, mas o coitado era muito lerdo e baixinho e não conseguia alcançar.

Perto dali, estava “o” arara, que era muito lindo e enfeitado com

penas coloridas e ele tinha catado muitas frutas. As moças bonitas como eram correram para perto dele, deixando o jabuti sozinho.

E foi uma festa, e o jabuti ficou muito bravo e com ciúmes. Alguém tocou uma música, e as moças bonitas começaram a dançar com “o” arara, e ninguém queria chegar perto do jabuti.

Então, ele procurou a cobra que ia chegando, e o jabuti pediu para a cobra para dar uma flechada “no” arara. A cobra não queria fazer isso, pois era amiga “do” arara, mas, no meio da festa, a cobra e todos os outros estavam tomando muita bebida, e eles estavam meio abobados, e a cobra decidiu atirar flechas em todo mundo, e assim ele e o jabuti começaram a atirar as flechas, não acertando ninguém.

Saiu todo mundo correndo, as moças fugiram apavoradas, a música acabou e a festa também.

O jabuti criou um casco e escondeu-se de vergonha, “o” arara virou um pássaro bonito e exibido, a cobra escondeu-se no buraco e as suas flechas espalhadas viraram serpentes, que até hoje andam pela mata. E foi assim que os três viraram animais.



IAUARETÊ, A RAPOSA E O JABUTI



A onça estava passeando quando viu o jabuti, e pensou: aí está o danado do jabuti. Então ela pediu ajuda para a raposa. A raposa falou para ela se fingir de morta na trilha, e o resto ficaria com ela.

Quando o jabuti saiu da lagoa, viu a onça morta na trilha, de repente veio a

raposa e começou a falar:

- Boa tarde, jabuti!
- Boa tarde, raposa!
- A onça morreu!
- Morreu? De quê?
- De fome.
- Ah... que pena!
- Será mesmo?
- Sim. Inanição, fome das bravas.
- Mas ela já deu os três suspiros? Disse o jabuti.

Então a onça já foi dando os três suspiros.

E o jabuti fugiu.

E a onça, mais uma vez, não enganou ninguém.

DE COMO A LUA FOI PARA O CÉU

Há muito tempo, algumas aldeias acreditavam que a lua vivia aqui na terra. Ela era uma mulher muito branca, que chegava a brilhar, e o nome dela era Capei. De dia, ela ficava na mata e, de noite, ela acendia a



luzinha dos vaga-lumes. Capei era muito inteligente, pois tinha o conhecimento da natureza, ajudava os bichos com o que eles deviam fazer, além de controlar o mar e o nascimento das crianças. Capei tinha tanta sabedoria, que as pessoas perguntavam a ela coisas que não sabiam. Ela conhecia ervas para doenças e os segredos da caça.

Um dia, um feiticeiro ofendeu Capei por ciúmes. Chateada, resolveu ir para o céu, através de uma escada feita com cipós, que a levou para o alto. Ela construiu a escada com degraus de madeira, amarrados entre os cipós. Capei contou com sua amiga coruja para ajudar na escada. Além disso, ficou ensinando suas filhas, as estrelas Jaci e Tatás, a iluminar o caminho dos homens, aqui na terra.

Jullia Melo de Andrade

IANAMÁ E AS FLAUTAS JAKUÍ



Essa história é do povo Kamayurá.

Existia um homem chamado Mavutsinin, ele era o primeiro homem que já tinha existido. Ele tinha um neto chamado Ianamá.

Ianamá sempre ia ao rio Kranhãnhã pescar. Um dia, ele estava pescando e ouviu sons de flautas muito lindas. Sempre, quando o sol se punha, ele ia lá no rio ouvir as flautas do fundo do rio.

Ele contou ao avô, e o avô disse:

- Você pode pescar as flautas Jakuí, eu te ajudo. Primeiro você faz uma rede e fica lá esperando.

Ele teve muita paciência e acabou conseguindo as flautas Jakuí. Ele mostrou ao avô, que disse:

- Esconda elas, senão vão roubar as flautas Jakuí, porque têm inveja.

Ianamá fez flautas novas com uma madeira da árvore Irracuitáp.

Um dia, o Sol e a Lua ficaram sabendo e quiseram roubar as flautas Jakuí. Eles foram até a aldeia Kamayurá e as pediram. Ele deu duas flautas falsas. A Lua e o Sol ficaram sabendo que as flautas eram falsas. Para se vingar, eles deram uma festa e a bebida estava envenenada. Ianamá percebeu e avisou a todas as pessoas que iriam à festa e, quando tomaram a bebida

envenenada, conseguiram resistir ao veneno, pois sabiam que a bebida já estava com veneno.

Os Kamayurá ficaram muito bravos e resolveram fazer guerra contra o Sol e a Lua, mas Mavutsinin soprou a flauta bem forte, e todos pararam de brigar e saíram voando.

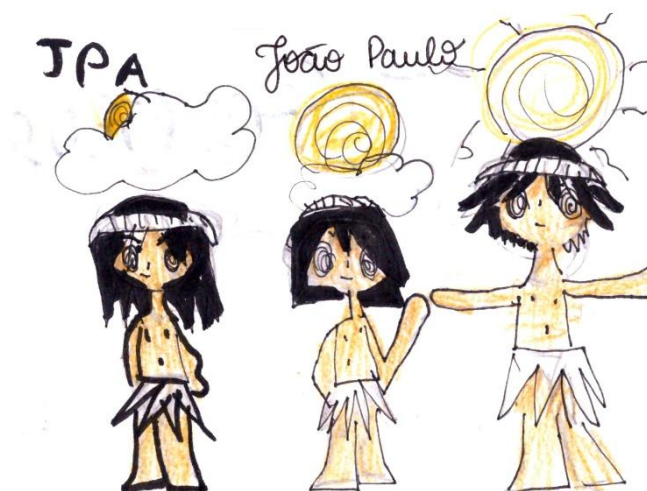
Desde então, as flautas Jakuí estão escondidas em um lugar onde ninguém sabe.

Talita Pinho de Biaso

A LENDA DO SOL

Para os indígenas, o sol era uma pessoa e se chamava Kuandú, e tinha três filhos.

O filho mais velho aparecia na época da seca, o mais novo aparecia na época de chuva, e o do meio, quando os outros dois irmãos estavam cansados.



Há muito tempo, o indígena Juruna teria comido o pai de Kuandú. Kuandú, com muita raiva, um dia foi se vingar. Foi à mata pegar coco e lá em cima do pé encontrou Juruna. Kuandú disse que iria matá-lo, mas Juruna foi mais rápido e jogou uma penca de coco em sua cabeça, o matando. E tudo começou a escurecer, e as crianças da aldeia começaram a morrer de fome, já que Juruna não conseguiu pescar nem plantar.

Então, a mulher de Kuandú mandou seu filho mais velho lutar com Juruna e, com isso, a luz voltou. Só que a luz trouxe seca e com isso, seu filho já cansado, voltou para casa. Escureceu tudo de novo e para não esquentar de novo, os três filhos revezavam e, com isso, surgiu o ciclo do sol.

João Paulo Furtado Pacheco

O QUE ACONTECE DURANTE A NOITE



Quando anoitece, o céu se enche de estrelinhas brilhantes. E todos vão dormir. Os indígenas falam que, quando as pessoas vão dormir, as almas delas saem voando para o céu e ficam brincando lá. Dizem

os indígenas que Deus pai, foi quem inventou todas as coisas. Ele tem uma mensageira chamada Anabaneri, ela é uma índia-pássaro. Quando as almas saem voando para o céu, Anabaneri voa para os corações das pessoas e canta uma cantiga de Deus pai. E, assim, quando as almas das pessoas voltam, elas se lembram da cantiga, deixada por Anabaneri.

Louise Dallagnol Rodrigues

A LUTA CONTRA O JAGUAR AZUL



Há muito tempo, um monstro desceu do céu. Era o jaguar azul. Ele era muito velho, de um tempo que o mundo foi feito pelo deus pai. Ele saiu e foi procurar comida. Ele comia gente e ele tinha

pelo azul. Ele tinha muitas estrelas brilhantes no seu pelo e era muito bravo, forte e malvado.

O Jaguarovy passava de aldeia em aldeia e comia todo mundo, não sobrava ninguém, nem os bichos de estimação.

Tinha sobrado um menino, chamado Curumim, e ele voltou para casa e não encontrou ninguém. O Jaguarovy tinha passado por ali.

O menino não queria ser comido. Ele não iria deixar o Jaguarovy comer todos.

O Curumim resolveu caçar o Jaguarovy e colocou fogo na ponta de uma lança, e foi caçar o Jaguarovy. E o jaguar ficou armado para pular em cima do Curumim.

O Curumim, com muita coragem, botou a lança na direção do jaguar e, quando o jaguar pulou em cima dele, o menino pôs a lança no peito do Jaguarovy. E a alma do Jaguarovy saiu do corpo dele e ele subiu cantando na língua das onças.

O Curumim virou herói e procurou uma indígena para casar, e tiveram muitos filhos, eles povoaram o mundo.

Todos nós somos netos e bisnetos desse Curumim herói que matou o Jaguarovy.

Rafaela Lucchese Schwening

COMO SURTIU A VITÓRIA RÉGIA

Em uma vila, havia uma indiazinha que se chamava Nay.

Nay era apaixonada pelo Jaci, que era a lua, e Nay sempre olhava para Jaci antes de dormir, para sonhar com ele.



Uma vez, os pais de Nay tiveram que ir a um ritual no centro da aldeia, e Nay teve que ficar em casa.

Então, Nay viu que a noite estava estrelada; e, com uma lua cheia e brilhante, resolveu ir à beira do rio para ver reflexo de Jaci.

Ao se debruçar na beira do rio, Nay se desequilibrou e caiu no rio.

Nay se afogou, e Jaci a transformou em uma linda Vitória-Régia.

Assim Jaci e Nay ficaram juntos para sempre!

Beatriz Vieira

IARA



Era uma vez, uma menina que se chamava lara, ela era corajosa, guerreira e muito bonita.

Um dia, os irmãos de lara, que tinham inveja dela, decidiram matá-la.

No momento do combate, como lara tinha habilidades de luta, ela virou a situação e matou os seus irmãos.

Depois de matar os seus irmãos, lara ficou com medo do castigo do seu pai, o pajé da Tribo, então ela fugiu, mas o pai encontrou ela, e de castigo, resolveu jogar lara no rio.

Mas os peixes decidiram salvá-la e transformá-la na sereia lara.

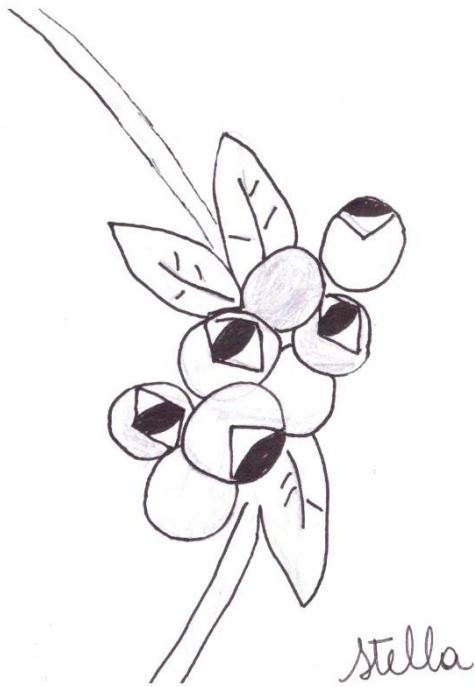
Desde então, lara usa seus poderes para enganar os pescadores e afogá-los no fundo do rio.

Acredita-se que, se um dos pescadores conseguir escapar de lara, ele fica louco, e somente um pajé poderá curá-lo.

Laíssa Sassen Souto

CONTO DO GUARANÁ

Era uma vez, pais que queriam ter filhos, mas não conseguiam.



Então, eles pediram para o deus Tupã, que deu um filho para eles.

Esse menino era muito legal e adorado pela aldeia.

Um dia, ele foi pegar frutas na floresta, mas o deus da escuridão ficou com inveja e decidiu matá-lo. Ele se transformou numa serpente e matou o menino envenenado.

O deus Tupã disse para plantar os olhos do menino, e deles nasceu o guaraná.

Stella Araújo de Aquino Bertoglio

COMO NASCERAM AS ESTRELINHAS

Todo mundo acha que existem estrelas desde sempre na Terra, mas isso é um erro!

No mês de janeiro, muitos indígenas caçavam, guerreavam e pescavam. Já na aldeia não faziam nada! As mulheres que se encarregavam de fazer tudo: cozinhavam, colhiam e cuidavam dos curumins.

Um dia, acabou o milho, e as bravas mulheres se enfiaram na mata para buscar comida.



Debaixo do solzão amarelo que esquentava, viram uma árvore que brilhava muito e decidiram ir até lá ver o que estava acontecendo.

Encontraram apenas espigas de milho murchas e uma poça de água limpa e fresca para beber.

Decidiram, então, voltar para a aldeia e buscar os curumins para ajudá-las, pois eles sempre davam sorte! E deu mesmo!

Os garotos pareciam adivinhar as coisas...

Eles seguiram reto pelo caminho e encontraram um milharal muito lindo, crescendo alto. As mulheres, maravilhadas, começaram a colher um monte de milho!

As crianças, levadas, corriam das mães com espigas de milho nas mãos e levavam às suas avós para fazerem bolo de milho.

Eles comeram tanto bolo, que ficaram com medo da bronca que poderiam levar de suas mães, tiveram então a ideia de chamar os colibris para amarrarem cordas no topo do céu, para subirem e fugirem.

Quando as mães retornaram e viram as crianças voando pelo céu, ficaram aterrorizadas e subiram atrás dos filhos e cortaram os cipós.

Então, eles caíram no chão, e só pra quem acredita, as mães viraram onças enormes, que protegem as florestas. E os filhos, como não podiam mais voltar ou descer, se transformaram em estrelas bem gordinhas no céu.

Pietro Moreira Sodini

A LENDA DO ARCO-ÍRIS



Há muito e muito tempo, vivia sobre uma planície de nuvens uma tribo muito feliz. Como não havia solo para plantar, só um emaranhado de fios branquinhos e fofos como algodão-doce, as pessoas

se alimentavam da carne de aves abatidas com flechas, que faziam amarrando em feixe uma porção dos fios que formavam o chão. De vez em quando, o chão dava umas sacudidas.

Certa vez, tentando alvejar uma ave, um caçador errou a pontaria e a flecha se cravou no chão. Ao arrancá-la, ele viu que se abriu uma fenda, e ele pôde ver que havia outro mundo.

Espantado, o caçador tampou o buraco e foi embora. Não contou sua descoberta a ninguém.

Na manhã seguinte, voltou ao local da passagem, trançou uma longa corda com os fios do chão e desceu até o outro mundo. Foi parar no meio de uma aldeia, onde uma linda indígena lhe deu as boas-vindas, tão surpresa em vê-lo descer do céu quanto ele de encontrar criatura tão bela e amável.

Dali em diante, todos os dias, ele escapava para encontrar-se com a jovem. Ela descreveu para ele os animais ferozes que havia lá embaixo. Ele disse a ela que lá no alto as coisas materiais não tinham valor nenhum.

Um dia, a jovem pediu para visitar o mundo dele. O rapaz a ajudou a subir pela corda, mas haviam sido seguidos pelos parentes dela, que estavam curiosos. A partir de então, começou

um grande sobe e desce entre céu e terra. A corda não resistiu a tanto trânsito e se partiu.

A jovem indígena, que ficou lá em cima com seu amado, tinha saudade de sua família e de seu mundo e começou a ficar cada vez mais triste.

Um dia, o caçador brincava com o cristal, que ganhou da jovem, e as nuvens começaram a sacudir, sinal de que lá embaixo estava chovendo. Um raio de sol passou pelo cristal e se abriu num maravilhoso arco-íris que, ligava o céu e a terra. Trocando o cristal de uma mão para outra, ele viu que o arco-íris mudava de lugar. Daquele dia em diante, quando aparecia o sol depois da chuva, sua amada escorregava pelo arco-íris e ia matar a saudade de sua família.

Bernardo Vieira Cardoso

NAURUS E SEUS CONTOS

PRODUÇÃO LITERÁRIA DOS ALUNOS DO 4º ANO A DO FUNDAMENTAL

Professora Responsável: SILVANA SANDRINI CENCI



Autores

ALICE BITTENCOURT DIAS
ARTHUR BRAGANÇA PAZ
BEATRIZ VIEIRA
BERNARDO VIEIRA CARNEIRO
BRUNO SCHAUREN SCHMITZ
HELOISA DE SOUZA PAUST
JOÃO PAULO FURTADO PACHECO
JOÃO PEDRO JUSTEN DA SILVA
JULLIA MELO DE ANDRADE
LAÍSSA SASSEN SOUTO
LETÍCIA DA ROSA RODACKI
LORENA BRUNETTI DE OLIVEIRA
LOUISE DALL AGNOL RODRIGUES
MARIA CLARA GANDRA LIBANA
MARIA ROSA DA SILVEIRA TAULOIS
MARIAH PEPE SILVA WIONOSCKY GARCIA
MAYA CARVALHO DE MATOS
MIGUEL ALVES HORST
MIGUEL SOUZA LEMOS
NOAH WIGOLORCHEW MILLER MARTINELLI MACHADO
PIETRO MOREIRA SODINI
RAFAELA LUCCHESI SCHWENING
STELLA ARAUJO DE AQUINO BERTOGLIO
TALITA PINHO DE BIASO

Edição Eletrônica e Arte Final: Humberto Raul Soares Filho / Lúcia Helena Pimentel e Silva

Escola da Ilha

Rua Vera Linhares de Andrade, 1910

Fone: 3233-5725

web: www.escoladailha.com.br

e-mail: escola@escoladailha.com.br